



O dia em que o Papa Paulo VI veio a Fátima e levou Fátima ao mundo



O dia em que o Papa Paulo VI veio a Fátima e levou Fátima ao mundo

A 13 de maio de 1967, vinha a Fátima o Papa que hoje é canonizado. Paulo VI veio à Cova da Iria rezar pela Igreja e pela paz e pôs Fátima no centro do mundo católico

O anúncio da concessão da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, na conclusão da [3.ª sessão](#) do Concílio Vaticano II, a 21 de novembro de 1965, viria a ser o primeiro ato público do Papa Paulo VI para com Fátima. Foi o cardeal Cento, legado pontifício, que veio entregar esta “expressão de particular reconhecimento por serviços prestados à Igreja”, a 13 de maio do ano seguinte, mas a presença do Papa, que hoje é canonizado em Roma, na Cova da Iria viria a concretizar-se daí a dois anos: a 13 de maio de 1967, tornando-o, assim, no primeiro Papa peregrino de Fátima.

A vinda de Paulo VI a Fátima para o Cinquentenário das Aparições foi tornada pública pela Santa Sé apenas 10 dias antes. Nada nem ninguém previa que ele o fizesse, e até o próprio já havia [nomeado](#) um legado Seu - o cardeal D. José da Costa Nunes - para presidir às solenidades da Peregrinação Aniversária, mas a 3 de maio de 1967, um ano após o convite enviado pelo episcopado português para que o Sumo Pontífice estivesse na Cova da Iria por ocasião da efeméride, o próprio confirmava a sua vinda a Fátima, “para honrar Maria Santíssima e para invocar a sua intercessão a favor da paz da Igreja e do Mundo”.

## **“Uma decisão pessoal, contra a opinião de toda cúria romana”**

A ocasião não podia ser mais oportuna. Além do cinquentenário da primeira Aparição da Virgem, o Papa preparava-se para publicar a Exortação Pastoral [“Signum Magnum”](#), consagrada ao culto da Virgem Maria, como Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes.

Por outro lado, as relações diplomáticas entre o governo português de então e a Santa Sé passavam por um momento delicado, em parte, devido à guerra colonial e à presença do Papa, quatro anos antes, num congresso eucarístico na Índia, onde se situava Goa, que era o patriarcado do oriente e uma das possessões ultramarinas então ainda reclamadas pelo executivo português.

Num tempo em que as viagens pontifícias eram raras, a vinda de Paulo VI a Fátima – a quarta do seu pontificado – encontrou, desde logo, resistência no próprio Vaticano. O cardeal D. António Marto deu conta dessa mesma oposição, na passada sexta-feira, durante a conferência de imprensa da última Pererinação Aniverária, quando deu a conhecer uma revelação do cardeal Giovanni Battista Re, que na altura estava no serviço diplomático da Santa Sé, e que lhe referiu pessoalmente que o Papa Paulo VI “veio a Fátima por uma decisão total e estritamente pessoal, contra a opinião de toda cúria romana”.

O bispo de Leiria-Fátima, que então era um jovem, ainda hoje recorda as palavras lapidares que o Santo Padre deixou em Fátima na sua [homilia](#): “homens (...) procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo”.

## **Um apelo à paz e à unidade da Igreja**

A paz foi um dos pontos fulcrais da mensagem que Paulo VI trouxe à Cova da Iria. O outro foi a unidade da Igreja. Isso mesmo plasmava a [edição](#) de junho de 1967 do jornal “A Voz da Fátima”, que abria a primeira página com o título “O Papa veio a Fátima”, para logo depois enunciar as “duas preocupações dominantes do Papa na sua histórica peregrinação”: “a Igreja e a paz”. As páginas da edição eram poucas para o tanto que havia para contar, mas uma certeza se declarava: “Fátima tornou-se, agora, mais que nunca verdadeiro altar do mundo, para onde se voltam todos os corações que buscam a paz e o bem”.

A visibilidade de Fátima, após a visita de Paulo VI, começou a fazer notar-se logo no mês seguinte, pelas inúmeras cartas, telegramas, mensagens e petições que chegavam, de todo o mundo, ao Santuário, com pedidos de estampas, livros, orações, e a felicitar pela forma brilhante como decorreu a peregrinação de Sua Santidade, lê-se no periódico oficial do Santuário.

Numa entrevista ao jornal diocesano “A Voz do Domingo”, meses após a visita, o bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, revelava o entusiasmo com que o Papa viveu a

vinda a Fátima, num testemunho de quem o acompanhou de perto.

“O povo português foi uma revelação para o Santo Padre. Nunca Sua Santidade, decerto, imaginaria vir encontrar aqui tanta devoção à Virgem e ao Vigário de Cristo, tanto entusiasmo, tanta alegria.”



**FOTO:** Multidão encheu o Recinto de Oração no dia 13 de maio de 1967, para acolher o Papa Paulo VI.

### **Um dia de muita chuva e uma multidão que espelha a humanidade**

O monsenhor Luciano Guerra, ex-reitor do Santuário de Fátima, esteve em Fátima no dia 13 de maio de 1967, como “locutor” da Peregrinação, e descreve o que mais o marcou.

“Recordo-me que foi um dia de muita chuva. Tenho uma vaga ideia de ter visto o Papa por entre a multidão, que era imensa e cerrada. A memória mais pessoal que tenho foi de me terem pedido para anunciar, ao microfone, que o Santo Padre estava a mostrar a Irmã Lúcia às pessoas. Naquele período conciliar, fiquei surpreendido com esta atitude do Papa de colocar a Irmã em relevo.”

Sobre o contacto que viu o Santo Padre ter com os peregrinos, monsenhor Luciano Guerra refere que o Papa “ficou muitíssimo impressionado com a multidão”. Disso mesmo dá conta, no seu [diário](#), o filósofo cristão Jean Guitton, que dias depois da visita se encontrou pessoalmente com o Papa, e ouviu as impressões sobre a peregrinação a Fátima.

“Foi muito diferente das outras três visitas que eu fiz, totalmente diferente. Não poderei resumir a minha impressão senão por uma única palavra: eu vi a humanidade. Sim, a humanidade, a verdadeira, a humanidade no seu estado de simplicidade, de oração e de penitência. Era a visão da reunião final, talvez a maior reunião de verdadeiros

crentes. Nunca tinha visto tal coisa neste mundo. Em Fátima a multidão ocupava uma só cova, tendo a impressão que a humanidade, verdadeiramente, era uma”, disse o Papa ao teólogo francês.

A propósito da Mensagem de Fátima, o Papa nada disse, eventualmente “numa vontade de querer respeitar a sensibilidade cautelosa de uma parte importante da Igreja”, interpreta monsenhor Luciano Guerra.

### **Um novo fôlego para a Igreja em Portugal**

Numa altura em que as Aparições ainda eram discutidas na Igreja, a vinda do Papa “despertou um certo interesse e uma nova perspetiva sobre Fátima”, refere o padre Manuel Antunes, que também esteve na Cova da Iria a 13 de maio de 1967. Para este capelão do Santuário, que nesse dia coordenava o serviço de confissões, a presença do Santo Padre em Fátima foi um marco na vida da igreja católica portuguesa.

“A vinda de Paulo VI marcou muito a vida religiosa da nossa gente e foi um novo fôlego para a fé em Portugal. Também foi a partir daí que o mundo começou a olhar mais para Fátima, porque esta visita foi vista, por muitos, como uma confirmação das Aparições. Esse crescendo de interesse notou-se no aumento do número de peregrinos, inclusivamente sacerdotes.”

O sacerdote também recorda o dia chuvoso e a “multidão entusiasta”.

“Como veio como peregrino, não tomou uma atitude diplomática, mas de pastor da Igreja, desligando-se completamente da política. Quando entrou no Santuário, foi uma explosão de alegria da multidão, ali presente para ver o primeiro Papa em Fátima”, refere.



**FOTO:** Pormenor de um peregrino que segura um retrato de Paulo VI, no meio da multidão que encheu o Santuário.

## **Uma crónica de um dia repleto de emoções**

Numa crónica condensada da presença de Paulo VI em Fátima, o acontecimento era narrado no jornal a “A Voz da Fátima”, em julho de 1967, pelo padre da diocese de Leiria José Galamba de Oliveira, relato que hoje recuperamos.

*“O Santo Padre saiu de Roma manhã cedo num avião da TAP. Sobrevoou a Espanha, fez uma breve passagem sobre a Cova da Iria, onde a multidão o aclamou entusiasticamente com o acenar de lenços brancos e desceu no aeródromo de Monte Real às 9h53.*

*Aguardavam-no o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, o Presidente do Conselho de Ministro, Dr. António de Oliveira Salazar, outras altas individualidades civis e militares, D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria e o Núncio Apostólico e muito povo, especialmente das povoações vizinhas.*

*O Presidente da República fez uma saudação de boas-vindas que o Santo Padre agradeceu comovidamente. Depois, iniciou-se o extraordinário cortejo que terá ficado gravado na memória do Santo Padre: Ele viu com os seus próprios olhos o amor filial do Povo Português para com o Vigário de Cristo na terra.*

*Calorosamente saudado em todo o percurso e em especial junto das povoações, o cortejo deteve-se um pouco mais na cidade de Leiria, capital da diocese. O Presidente da Câmara entregou ao Santo Padre as chaves da cidade e uma bela mensagem de saudação e pedido de bênção para todo o povo do concelho.*

*Depois, foi a entrada solene na Cova da Iria. Foi certamente a mais extraordinária ovação que o Santo Padre jamais recebeu. Começou a Santa Missa. Depois do Evangelho o Santo Padre proferiu em português a homilia e na altura própria deu a comunhão a uns 50 fiéis.*

*Terminada a Missa, benzeu a primeira pedra do novo Colégio Português em Roma, recebeu os cumprimentos da Irmã Lúcia que apresentou à multidão e ofereceu à Imagem de Nossa Senhora de Fátima um belo rosário de prata. Foi este um dos momentos altos da sua peregrinação.*

*Feita uma oração especial pelos doentinhos e dada a bênção em conjunto, saudou uma vez mais a multidão e retirou-se para a Casa de Retiros Nossa Senhora do Carmo, onde tinha os seus aposentos e tomou a refeição. Antes, veio uma vez mais à presença da multidão à antiga varanda do albergue, onde recebeu nova aclamação.*

*A seguir à refeição, tiveram lugar as audiências programadas: ao Presidente da República e família, ao Presidente do Conselho, com alguns membros do Governo, ao episcopado português, corpo diplomático português, famílias reais presentes, leigos dirigentes de várias obras católicas e da Acção Católica, um grupo de cristãos separados aos quais dirigiu palavras de carinhosa saudação.*

*A despedida de Portugal foi breve e afectuosa. Às 22 horas da noite chegou a Roma: ‘Encontrei em Portugal um povo bom e piedoso. Foi uma experiência maravilhosa que*

*mostrou o caminho para a reconstrução do Mundo tal como o desejamos - de oração, humildade, concórdia e boa vontade'."*

O dia 13 de maio de 1967 ficou como um marco para a vida de Igreja em Portugal, em geral, e para Fátima e a divulgação da sua Mensagem, em particular. Em Fátima, o Papa que hoje é canonizado anunciou-se como "peregrino humilde e confiante". Trouxe a vontade de rezar pela "paz interior" da "Igreja una, santa, católica e apostólica" e pelo "mundo, a paz mundial", e levou para o mundo a Mensagem de paz que Nossa Senhora deixou em Fátima.

---

TAGS: [santopaulovi](#)

[www.fatima.pt/pt/news/o-dia-em-que-o-papa-paulo-vi-veio-a-fatima-e-levou-fatima-ao-mundo](http://www.fatima.pt/pt/news/o-dia-em-que-o-papa-paulo-vi-veio-a-fatima-e-levou-fatima-ao-mundo)